

Escolas na era do vídeo



Os jovens que já tiveram oportunidade de fazer um trabalho com a utilização de câmera de vídeo afirmam em uníssono que, assim, as atividades escolares se tornam mais estimulantes

Diante da preferência dos adolescentes pela linguagem audiovisual, algumas escolas de Brasília estão adotando o videocassete como instrumento pedagógico

SILVANA DE FREITAS

Com uma câmera na mão, muitos adolescentes de Brasília estão descobrindo o prazer de estudar. A televisão fez a cabeça destes jovens que preferem, claramente, produzir trabalhos acadêmicos em gravações em vídeo e redigir monografias imensas sobre determinado tema. É a confirmação da linguagem visual como opção preferida de uma nova geração, totalmente familiarizada com a TV, o videogame e o videocassete.

Sensíveis a este interesse dos seus alunos, algumas escolas estão permitindo a substituição da caneta pela videofilmadora para a realização de trabalhos de literatura, biologia, geografia, história... É o caso do Leonardo da Vinci e do Inei que, para não inibir ainda mais o hábito de ler e escrever, exigem dos alunos a apresentação de textos explicativos a cada produção em vídeo.

Para surpresa geral, até mesmo a redação está sendo falada, dramatizada e gravada em videocassete. Aline Soares, 16 anos, aluna do colégio Leonardo da Vinci, conta que já "fez uma redação" desta forma, sobre a Independência do Brasil. O colégio exigiu, entretanto, a apresentação de texto sobre o assunto, complementando o trabalho.

O livro *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ganhou interpretações múltiplas em 80 fitas cassetes, como resultado do trabalho de nove turmas de 50 alunos. Foi a forma que a professora de Literatura, Tereza Barros Cavalcanti, encontrou para estimular a leitura desta obra. O resultado foi surpreendente. De um total de 82 grupos de alunos, dois preferiram fazer o trabalho somente de forma dramatizada, sem gravação. Segundo Tereza, todos leram o livro para, a partir daí, selecionar os capítulos que seriam gravados. Em cada grupo, havia pelo menos um componente que tinha filmadora em casa.

Estímulo — Houve até quem se preocupasse em reproduzir fielmente todo o clima do final do século passado, quando o *Dom Casmurro* foi escrito. A aluna Érica Vinhadeli e seis colegas buscaram móveis de estilo clássico, roupas de época, para garantir uma interpretação mais adequada. Outro grupo chegou a recorrer à edição profissional de sua fita.

"Trabalhar com vídeo é mais estimulante, mais descontraindo e tem a integração do grupo, onde todo mundo participa", comenta Aline Soares. Para ela, a primeira preocupação quando um professor pede um trabalho escrito é sobre o peso que aquela produção terá sobre a nota final. É como se cada aluno precisasse de um outro estímulo para compensar o "esforço" da leitura. Nada disso acontece quando eles pegam uma filmadora e o ato de estudar parece se transformar em uma atividade lúdica.

Ainda no Leonardo da Vinci, o livro *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, também virou vídeo para os alunos do 1º ano que deram a sua interpretação sobre a obra desta forma. Quem mais está inovando, na utilização do videocassete, é o colégio Inei. Ali, os alunos de segundo grau estão produzindo trabalhos gravados sobre reprodução, ecologia, primeiros socorros e até sobre o movimento de 64, em aula gravada. Vale lembrar o impacto da minissérie da TV Globo, *Os Anos Rebeldes*, sobre o público jovem.

Numa gincana do Inei, Camila Borges é um grupo de

O método do ensino à distância

Se no Brasil o uso do videocassete na educação começa a dar os seus primeiros passos, nos países do Primeiro Mundo a associação entre telecomunicações e ensino é um fato irreversível. Nos últimos cinco anos, houve uma explosão nos Estados Unidos das atividades de aprendizagem à distância, um método pouco conhecido no Brasil, mas amplamente difundido em universidades, escolas, creches e entre famílias norte-americanas.

As facilidades do acesso a sistemas integrados de televisão a cabo e de computadores acabaram consolidando o ensino à distância como uma opção de aprendizagem, para qualquer idade. O público mais beneficiado são as mulheres com mais de 25 anos que trabalham e precisam cuidar de casa e de filhos, segundo o educador John Carey, membro da Academia Americana de Ciência Política.

Para atender a esta demanda, surgiu nos EUA um consórcio de entidades públicas de educação e radiodifusão — o Consórcio de Recursos Educacionais por Satélite — que integra 20 estados em um único sistema. Este sistema usa satélite para transmissão direta de programas

de matérias especializadas, normalmente não disponíveis nas escolas. Também nas creches de pré-escola, nas escolas e nas universidades, os professores estão se apoiando a estes programas como instrumentos de complementação do ensino.

Defensor do ensino à distância, John Carey explica que este método sofreu — e ainda sofre — muitas críticas, porque o serviço inicialmente funcionou mal e foi mal planejado. Ele é capaz de listar uma série de indicadores que confirmariam a eficácia deste método. Entre eles, a tecnologia tornou-se mais confiável, o planejamento educacional progrediu e o conceito sobre o ensino à distância se ampliou com base em sucessivas pesquisas sobre a sua eficiência.

John Carey compara a resistência atual ao uso de tecnologia de telecomunicações na educação à oposição à introdução da escrita no ensino da Grécia Antiga. Para isso, cita Platão, que questionou, no século IV a.C., a existência da escrita, durante mais de 100 anos, paralelamente ao conhecimento oral, reproduzido por burocratas da educação, que cultuavam a memorização das informações obtidas.

dez pessoas produziram um vídeo de dez minutos que mostra a evolução da dança desde 1910. É uma história estruturada, que começa com uma garota aborrecida porque terá de perder o seu fim de semana pesquisando sobre a dança. Ela vai-se envolvendo com a pesquisa e, cada reflexão sobre determinado ritmo, o seu pensamento se materializa com pessoas dançando tango, tuíste, música de orquestra ou rock.

Ludismo — Nas escolas, o vídeo está normalmente relacionado à dramatização, o que torna esta atividade ainda mais lúdica. É consenso entre os jovens que já tiveram a oportunidade de fazer um trabalho com a utilização de câmera de vídeo o fato de conseguir, desta forma, ganhar motivação. "Quebra a monotonia da sala de aula", comenta Anthair Edgar Gonçalves, 16 anos, do colégio Leonardo da Vinci. Para ele, "é preciso perder muito tempo para ler". Anthair até reconhece que a produção de um vídeo exige mais tempo que a leitura, mas não considera que este é um tempo perdido. "É mais divertido", justifica.

O Inei, pioneiro na utilização de vídeo, há pelo menos oito anos exibe filmes ou aulas gravadas para os alunos. Hoje, todo o conteúdo programático de cada disciplina está documentado em fitas cassette. Mais do que isso, há quatro anos os alunos relatam, através de uma filmadora, o que aprende em sala de aula. "Quando a gente vê, a gente grava mais que quando o professor está falando", explica Camila Borges, desta escola.

A comprovação desta tese é uma avaliação feita periodicamente por psicólogos e orientadores pedagógicos do Inei, em cada sala de aula. A memória visual dos alunos sempre predomina em relação a outras formas de memorizar o conhecimento. Segundo a diretora do Inei — 2º grau, Lizete Paula Borges, esta constatação direcionou o uso do videocassete preferencialmente em turmas com dificuldades de aprendizagem em determinadas disciplinas.

Godard e Coppola — O Colégio Objetivo ainda não está explorando as câmeras de vídeo como instrumento pedagógico. A diretoria executiva desta escola teme que nem todos os alunos possam recorrer a este instrumento, por falta do equipamento. Mas esta é uma escola que inovou com a videoaula e, agora, vai realizar, pela segunda vez, uma mostra de vídeo. A criação é livre. Os alunos podem produzir curta-metragens de dois a 30 minutos ou anúncios publicitários de 15 segundos a dois minutos. Os trabalhos serão exibidos na primeira semana de dezembro.

Quem coordena esta mostra é a professora de História Social de Arte, Celina Beatriz Villanova que garante haver preocupação social entre os jovens do colégio e, mais do que isso, influência de cineastas de renome como Coppola e Godard.

Como muitos professores da cidade, Celina Villanova está se empenhando para substituir parte das aulas expositivas pela exibição de filmes. A receptividade, segundo afirma, é excelente. Esta também é a impressão de Tereza Cavalcanti, do Leonardo da Vinci, que já mostrou aos alunos filmes como *Morte e Vida Severina*, *Capitães de Areia*, *O Cortiço* e *Eternamente Pagu*. Também emprestou para vários alunos os livros *O Nome da Rosa* (de Umberto Eco), e *A Insustentável Leveza do Ser* (de Milan Kundera), depois que eles assistiram ao filme, despertando interesse pela leitura.



Lizete Paula Borges, diretora do Inei, defende o uso do videocassete na educação